

Paisagem lusitana e lugares de memória na obra *Viagem a Portugal*

Zuleika Alves de Arruda⁸

No ano em que se comemora o centenário de Lenine Póvoas, 2021, fui agraciada pela leitura da obra “*Viagem a Portugal*”, uma coletânea de crônicas resultantes de sua viagem, no ano de 1968, à terra lusitana. Por meio da experiência vivida, narrativas espaciais são construídas desvelando o espaço, lugares de memória e espacialidades nas mais diversas formas, quer seja por meio da narrativa dos fatos históricos, quer seja pela atribuição de lembranças carregadas de significado, de sentimento identitário cultural ou territorial, como pode ser constatado nas palavras de Póvoas (1970) ao adentrar em território português:

[...] não é um país qualquer, mas a Terra-Mater, aquela que nos descobrira para o mundo, aquela que nos legara parte do sangue de nossos ancestrais, a língua portuguesa, a religião, as instituições jurídicas, as tradições. [...] Vibravam em mim as emoções que por certo vibrariam no peito do meu falecido pai, que, mestre da língua portuguesa, estudioso da literatura luso-brasileira, admirador do povo e da história de Portugal, costumava dizer que a terra de que mais desejava conhecer, no mundo, era a terra lusitana (1970, p 11).

A obra apresenta importantes registros vividos que fazem parte das lembranças do autor, contribuindo por eternizar lembranças de lugares, para a construção da referência dos lugares de memória, para a patrimonização dos monumentos históricos, assim como possibilitar ao turista-viajante um passeio imaginário ao passado lusitano. As imagens

⁸ Zuleika Alves de Arruda – Graduada em Geografia (UFMT), Mestre em Geografia (UFPE), Doutora em Geografia (Unicamp) e Pós-Doc. (Universidade Friedrich Schiller - Universität Jena, FSU, Alemanha), Professora Titular (aposentada) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT) - Campus Octayde Jorge da Silva, Cuiabá, membro do IHGMT.

presentes na lembrança, nas narrativas de viagem, nas representações do tempo vivido pertencem ao campo de memória e acabam geografizando em importantes registros vividos que eternizam lugares e referências, assim como para a construção da história do lugar. Concordamos com Le Goff (1990, p. 423), quando pondera que a memória toma corpo, “[...] como propriedade de conservar certas informações remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de informações psíquicas, graças as quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. Dialogicamente, lugares de memória/ memória de lugares estão imbricados espacialmente dando um significado sentimental/afetivo e/ou histórico ao lugar que compõe a memória coletiva ou individual:

[...] Nesse estado de alma vi desfilarem diante da amurada do “AUGUSTUS” os bairros elegantes da ‘Grande Lisboa’, com suas praias regurgitando de banhistas, a Torre de Belém, os Jerônimos, o Padrão dos Descobrimentos, e, por cima dos mastros do navio, a fabulosa “Ponte Salazar. (1970, p. 11).

Parafraseando Nora (1993), na obra de Póvoas a memória do lugar se enraíza no concreto, no espaço, na imagem, no objeto e nos gestos, convertidos em lugares de memória. Segundo Nora, o lugar de memória é aquele dotado do sentido material, simbólico ou funcional, ou seja, lugar que possui, além da concretude espacial a sua história imbuída de significantes, significados, afetividade e/ou pertencimento. Verdadeiros patrimônios culturais, os lugares de memória, vinculados ou não a um passado vivo que muitas vezes reforça os traços identitários do lugar e as memórias do lugar, como, por exemplo, o fado, que “[...] embala com sua nostalgia as noites lisboetas, num culto cívico ao folclore do país” (1970, p. 14) e cuja espacialidade encontra-se nos restaurantes tradicionais do Bairro Alto de Lisboa; ou como a famosa “Torre de Belém”, um geosímbolo lisboeta, o marco do descobrimento, dentre outros monumentos históricos.

Associando o lugar de memória ao conteúdo cultural, histórico e geográfico, Póvoas, por meio de narrativas espaciais lusitanas, convida o leitor a uma viagem pelas paisagens imaginárias e lugares de memória em uma escala espacial que abrange de Norte a Sul do território lusitano. Tomando a cidade de Lisboa como referência espacial, o autor realiza uma narrativa geo-histórica dos lugares de memória da Lisboa antiga e, posteriormente, de outras localidades na porção Norte e Sul do país, cujo itinerário é realizado por meio de uma sequência de lugares de memórias vinculados à atividade turística, de interpretação geográfica que entrecruza informações dos elementos da paisagem natural (rios, vegetação, relevo, solo) e da cultural, aquela modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural e do qual a cultura é o agente, a área natural é meio, a paisagem cultural o resultado (SAUER, 1998). Nessa tríade, paisagem-cultura e relações socioeconômicas, são (re)produzidos o espaço social e os lugares de memória.

A cidade de Lisboa acumula camadas de memórias impressas no espaço que coaduna diversas temporalidades registradas em sua paisagem, e, como ponderou Póvoas, “[...] uma visita a Lisboa é uma peregrinação através da história”. O itinerário urbano narrado pelo autor pelas ruas de Lisboa se inicia pelo bairro mais antigo e autêntico da cidade, o Alfama, marcado pela presença de velhos palácios, igrejas e residências senhoriais e plebeias que se apertam em becos, pátios e ruas estreitas, e seguindo em direção a uma colina onde se encontra o monumento mais antigo da capital: o Castelo de S. Jorge, de onde se pode contemplar a belíssima paisagem da parte antiga de Lisboa, composta pelo Rio Tejo e a arquitetura portuguesa do Renascimento, em estilo Manuelino, como a Torre de Belém e o Mosteiro dos Jerônimos. No percurso urbano, podem-se observar construções barrocas do século XVIII, como o Aqueduto das Águas Livres, pelo Museu Nacional dos Coches, um registro do fausto e bom gosto vivido pela corte portuguesa; pelo centro comercial da cidade onde se encontram a Praça do Comércio, o Largo do

Rocio e da Figueira, as ruas Augusta, do Ouro, da Prata, dos Sapateiros e os que para ela confluem formando um conjunto harmonioso e artístico e um relicário de tradições conservadas. A leitura de sua obra é como estar mais uma vez percorrendo as ruas de Lisboa, só que desta vez desvendando Lisboa por meio de suas palavras! Prosseguindo o percurso, Póvoas convida o leitor a desvendar o lado moderno da cidade, que se configura na sua porção norte, formada por uma arquitetura arrojada e funcional e conectada por amplas avenidas, como a da República, do Brasil e dos EUA; eixos viários atendem o fluxo de pessoas e mercadorias requeridas pela sociedade contemporânea: bairros exclusivos e destinos turísticos como Cascais e Estoril (Costa do Sol).

O itinerário previamente definido em direção à porção Norte do território lusitano que se inicia a partir de Lisboa possui como marco inicial as cidades de Queluz a partir do “Palácio Nacional de Queluz”, cognominado o Palácio de Versailles de Portugal, e de Sintra, pelo “Palácio Nacional de Sintra, Palácio de Seteais e, seguidamente, o Parque Florestal da Penha. De Sintra para o Norte, o autor prossegue o seu itinerário por Ericeira, uma estância de férias, seguida por Mafra, onde se encontra o maior convento do país, Óbidos, uma das reminiscências medievais de Portugal e Caldas da Rainha, famosa como estação termal de veraneio. A partir dessa localidade, o destino é via Oceano Atlântico, onde o turista poderá conhecer as belíssimas paisagens de São Martinho do Porto e Nazaré, um típico porto pesqueiro de Portugal. Além das praias belíssimas existentes em Nazaré, o turista-viajante poderá conhecer no alto do promontório a igreja de N. Senhora de Nazaré, onde são realizados os Festes do “Círios de Nazaré”. A partir daí, o próximo destino é a localidade de Alcobaça, cuja maior atração é o “Mosteiro cisterciense” e, posteriormente, a cidade de Batalha, onde o maior atrativo é o mosteiro de Nossa Senhora da Vitória, outro monumento nacional e registro simbólico da vitória dos portugueses sobre os castelhanos, na batalha de Al Jubarrota. Para o turista religioso, a opção seguinte é conhecer a cidade

de Fátima dos Milagres, famosa mundialmente como centro de romaria. Na porção Oeste, seguindo pelo vale do Mondego, o destino é a cidade de “Coimbra dos doutores”, cujo destaque é a Universidade de Coimbra, famosa por ser o berço dos grandes vultos da cultura e política do país, além da sua valiosa biblioteca, com mais de um milhão de livros. A partir da cidade dos doutores, por meio da rodovia tronco Lisboa-Porto, o próximo destino é a pitoresca cidade situada no delta do Rio do Vouga e cognominada como a Veneza de Portugal: Aveiro, cujo monumento de destaque turístico é o Mosteiro de Jesus, também chamado de Convento de Santa Joana.

O itinerário segue em direção ao litoral, passando por Espinho, uma famosa estação de veraneio, até chegar à invicta cidade do Porto. Localizada às margens do Rio Douro e conectada pelas principais vias de comunicação, encontra-se esta cidade, com o seu passado e presente vivos, impressos nas obras de arte, verdadeiros lugares de memória, como a Igreja de Cedofeita, Convento dos Cavaleiros de S. João de Jerusalém, Ponte de D. Luís, bairro da Ribeira, Palácio do Cristal, Bairro da Foz, dentre outros. Ao Norte do litoral do Douro encontra-se a província do Minho, uma das regiões de ocupação mais antiga e de elevada densidade demográfica. A sua paisagem é marcada por contrastes, composta por planícies, praias, montanhas e cidades antigas, como é o caso de Braga, surgida nos tempos da dominação romana na Península Ibérica; de Guimarães, cognominada o berço da nacionalidade portuguesa; de Valença do Minho, uma antiga vila fortificada; de Vila do Conde, onde Eça de Queiroz passou a sua infância e de Póvoa do Varzim, Ofir e Esposende, famosas pelo turismo “Praia e Sol” e presença de casas de veraneio.

Se para o Norte o autor faz uma narrativa espacial marcada por elementos da paisagem cultural, representada pelos lugares de memória (monumentos históricos) e atividade turística em ascensão, a porção territorial Sul portuguesa, correspondente à província de Algarve, segundo a percepção do autor, marcada pela temporalidade futura e pelo predomínio

de objetos geográficos representativos do meio-técnico-científico e informacional (SANTOS, 1994): moderníssimos “Hovergrafts”, linhas de montagem de automóvel, equipamentos turísticos (resorts, restaurantes etc.), vias asfaltadas, portos, dentre outros, contrapondo à temporalidade antiga registrada na paisagem por meio de testemunhos da ocupação árabe, pela presença não só dos velhos castelos, como também na toponímia e traços da arquitetura (Castelo de Silves – arquitetura militar islâmica), dentre outras.

O autor relata que o turismo nessa região tem aumentando devido à riqueza paisagística de suas praias e pelo predomínio do turismo de “Sol e Mar”, beneficiado por um clima favorável durante os meses de julho, agosto (principalmente) e setembro; pela ampliação de infraestrutura turística (resorts, hotéis, restaurantes, casas de veraneios etc.) e, consequentemente, do registro, segundo o INE (2010), da elevação da taxa de ocupação dos estabelecimentos hoteleiros.

Esse tipo de interpretação geográfica, assim como a identificada ao longo de sua obra, envolvem dois conceitos geográficos de localização relativa e absoluta do qual o sítio era entendido como uma localização apropriada para um habitat ou atividade em função de características físicas e de entorno imediato. Como pondera Correa (2004), a localização absoluta é o chão sobre o qual a cidade se estende, podendo ser natural, geralmente alterado pela ação humana, ou artificialmente produzido, o que difere da posição geográfica ou relativa que se refere à situação locacional de uma cidade face a aspectos externos a ela, envolvendo o conteúdo natural e social das áreas circunvizinhas, tais como recursos naturais, produção, demanda e acessibilidade. Póvoas explica o papel historicamente ocupado por Portugal no cenário político e econômico como resultado de sua posição geográfica, descrito da seguinte forma:

[...] Com cerca de 850 quilômetros de costa, o oceano e as características do seu relevo determinam os seus tipos de climas, condicionaram a sua economia, ditaram os rumos de sua história e estabeleceram a

sua posição política na época contemporânea. Situada junto à encruzilhada das rotas marítimas do mundo mediterrâneo com o mundo atlântico, essa excepcional posição geográfica foi decisiva para os destinos da nação portuguesa. (1970, p. 19).

As transformações econômicas e tecnológicas conferidas a partir do século XIX alteraram a posição geográfica das localidades e seu papel desempenhado, como é o caso das cidades que possuíam a sua posição geográfica estratégica favorável ao expansionismo comercial ou defesa do território português e que agora ocupam situação geográfica favorável à economia globalizada: fluxo de mercadorias (presença de conglomerados econômicos) e de pessoas (atividade turística).

A sua obra permite constatar que a posição geográfica (localização relativa) de Portugal, bem como das localidades situadas na porção Sul do território lusitano, devido a sua posição geográfica (localização privilegiada na costa marítima, margens ou foz de rios), foi importante para o momento histórico da expansão do capitalismo comercial e papel ocupado no cenário político e econômico mundial, assim como para entender o papel desempenhado pelas localidades apontadas pelo autor como “futuristas”, uma vez que, nas suas palavras, “[...] uma \viagem para Algarve é uma viagem para o futuro. Para o que já é, mas, sobretudo, para o que vai ser” (1970, p. 47).

A vanguarda de sua obra consiste, mesmo sem pretensão de constituir um guia turístico de Portugal, em propiciar ao leitor/turista realizar uma viagem imaginária pelas paisagens lusitanas, pelos lugares de memórias (patrimônio histórico e cultural) e dicas de roteiros turísticos, o que acabou por conferir a Lenine Póvoas o prêmio “*Pero Vaz de Caminha*”, outorgado pelo Centro de Turismo de Portugal. No âmbito acadêmico o autor, na sua condição de turista, possibilita-nos refletir a respeito das especificidades que corroboram para o aumento da demanda do turismo em território lusitano e o seu papel como atividade relevante na economia do país, como o clima favorável, que possibilita o turismo “Sol e Mar”; a diversidade paisagística – turismo cultural, religioso, de saúde

ou de natureza e a imagem de um destino turístico seguro, aliados à existência de uma população acolhedora e de comunicação fácil, como pode ser constatado a seguir:

Os portugueses são de modo geral atenciosos e hospitaleiros para com os turistas, mas essa atenção e essa hospitalidade são redobradas quando se trata de um brasileiro. Disso tivemos inúmeras provas. [...] as informações solicitadas na rua são atendidas com máximo de amabilidade. [...] essa primeira impressão que colhemos de um povo, que, sinceramente, nos dedica fraternal afeto (1970, p. 51).

Essa obra, embora já se passaram aproximadamente 51 anos desde a sua publicação no ano de 1970, faz jus ao prêmio recebido pelo Ministério do Turismo português, pois trata-se de guia atual completo para quem deseja “*turistar*” em terras lusitanas. Realizar a leitura da obra é transpor o tempo histórico, desvendar paisagens imaginárias lusitanas, inebriar-se do conhecimento geo/histórico e decodificar os componentes material, funcional e simbólico existentes nos lugares de memórias e paisagens lusitanas.

Referências

- Correa, R. L. (2004). Posição geográfica das cidades. *CIDADES*. v. 1, n. 2, p. 317-323
- Le Goff, Jacques, (1924). *História e memória* / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão... [et al.]. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990 (Coleção Repertórios).
- Nora P. (1993). *Entre a Memória e História: a problemática dos lugares*. In: *Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*. V. 10.
- INE. (2010). *Estatísticas do Turismo*. Lisboa.
- SANTOS, M. (1994). *Técnica, espaço, Tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. Hucitec. São Paulo.
- SAUER, C.O (1998). A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998 (1925).